

Percursos metodológicos das pesquisas em educação, gênero e sexualidade: (re)construindo caminhos a partir da bricolagem

Methodological surveys of research in education, gender and sexuality: reconstructing paths from bricolagem

■ Émerson Silva Santos

Resumo

As pesquisas de gênero e sexualidade têm se deparado com um conjunto de dilemas metodológicos que vem desafiando pesquisadores/as a buscarem alternativas que sejam coerentes com o próprio formato e objetivos das suas agendas de investigação. O presente artigo busca apresentar o percurso metodológico da nossa Dissertação de Mestrado que foi construído justamente tendo em conta esses dilemas e desafios. A partir das estratégias metodológicas propostas pela Bricolagem, envolvemos gestoras escolares, professoras, professores e estudantes para buscar interpretações a respeito de qual o lugar que as questões de diversidade sexual e de identidade gênero ocupam na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino em Caruaru-Pernambuco. Nessa direção, as reflexões e interpretações tecidas na Dissertação apresentada neste trabalho, levaram em consideração as interpretações de um conjunto de participantes, nos possibilitando acessar múltiplas compreensões da questão estudada.

Palavras-chave:

Gênero; Sexualidade; Bricolagem; Metodologia.

Abstract

Research on gender and sexuality has been confronted with a set of methodological dilemmas that have challenged researchers to seek alternatives that are consistent with the format and objectives of their research agendas. The present article seeks to present the methodological course of our Master's Dissertation, which was constructed precisely in view of these dilemmas and challenges. From the methodological strategies proposed by Bricolage, we involve school managers, teachers, teachers and students to seek interpretations as to the place that issues of sexual diversity and gender identity occupy in the management of the high schools of the State Education Network in Caruaru-Pernambuco. In this direction, the reflections and interpretations woven in the Dissertation presented in this work, took into account the interpretations of a set of participants, allowing us to access multiple understandings of the studied question.

Key-words

Gender; Sexuality; Bricolage; Methodology.

Notas Introdutórias

Temos assistido um significativo crescimento quantitativo e qualitativo das investigações acadêmicas que têm gênero e/ou sexualidade como suas categorias ou mesmo como seus objetos de estudo. Multiplicam-se os eventos científicos como simpósios, seminários, encontros e congressos cuja finalidade exclusiva é a socialização desse tipo de pesquisa. Além disso, as reuniões acadêmicas mais tradicionais também têm se aberto para essa discussão, não sendo incomum encontrar nesses eventos alguns Grupos de Trabalho abertos à acolher artigos que tratam de questões relacionadas à gênero e/ou sexualidade.

Se por um lado, esse cenário indica um processo de consolidação dos estudos de gênero e de sexualidade, por outro, impõe um conjunto de desafios àqueles/as que se propõem entrar nesse terreno por vezes bastante movediço. As questões metodológicas podem ser consideradas relevantes dentro desse cenário de desafios que se deparam os/as pesquisadores/as de gênero e de sexualidade. Isso ocorre em função de vários aspectos, entre eles podemos destacar a rica diversidade de correntes teóricas desses estudos, as características próprias dos seus objetivos, as resistências encontradas ao tentar acessar possíveis participantes das pesquisas, etc.

Berenice Bento foi uma das pesquisadoras que se deparou diante desses desafios. Na sua obra “A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual”, ela organiza analiticamente os debates internos travados nos estudos de gêneros e sugere “três tendências explicativas para os processos constitutivos das identidades de gênero” (BENTO, 2014, p. 81). A autora nomeia essas três tendências respectivamente com os seguintes termos: “universal, relacional e plural. Cada uma apresentará teses próprias sobre as relações entre os gêneros, a sexualidade e o corpo” (BENTO, 2014, p. 81). Consequentemente, cada uma dessas três tendências apresenta sua proposta de abordagem metodológica dos estudos de gênero e de sexualidade.

A tendência universal, por exemplo, tem como principal expoente Simone de Beauvoir (1987) que vai buscar na teoria marxista as bases para elaborar sua teoria feminista. Por sua vez, a tendência relacional é marcada pelo ensaio “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” de autoria de Joan Scott (1990), cujas premissas afirmam que o feminino e o masculino se constroem relacionalmente e não numa rígida oposição, sendo o gênero um dos componentes das relações sociais. Por fim, a tendência plural seria representada por Judith Butler (2003) e suas reflexões críticas ao feminismo a partir da teoria *Queer*.

Essa diversidade teórica dos estudos de gênero - como também dos estudos de sexualidade -, conforme fica evidente na obra de Bento (2014), acaba tendo uma forte influência nas próprias perspectivas e estratégias metodológicas das pesquisas realizadas nesse campo, tendo em vista que cada tendência teórica citada tem um diálogo mais afinado com um conjunto de perspectivas e estratégias metodológicas específicas. Nesse sentido, pesquisadores/as de gênero e sexualidade precisam estar muito atentos/as para não comprometer suas investigações. Por exemplo, certamente soaria estranho que uma pesquisa que parte da teoria *Queer* como sua principal base teórica, tivesse como fontes de informação entrevistas estruturadas e rígidas juntamente com questionários quantitativos.

Além da diversidade de correntes teóricas, outro grande desafio das pesquisas de gênero e de sexualidade são os seus próprios objetivos. Quando falamos objetivos, não estamos nos referindo estritamente aos objetivos formais encontrados no texto do artigo, monografia, dissertação ou tese. Nos referimos aos objetivos políticos e sociais desse tipo de pesquisa. Em grande medida, os/as pesquisadores que estudam gênero e sexualidade, possuem um relativo compromisso político com a superação das assimetrias existentes na sociedade. Assim, esses estudos também acabam tendo um papel de denunciar e evidenciar as desigualdades entre homens e mulheres, como também às violências praticadas contra todos/as àqueles/as que não atendem os padrões heteronormativos de gênero e de sexualidade na nossa sociedade. Nesse sentido, não tem sido fácil para os/as pesquisadores/as justificar suas escolhas metodológicas sem necessariamente terem que ficar presos à discussão sobre objetividade e imparcialidade das pesquisas nas ciências sociais.

Por fim, e não menos importante, outro obstáculo substancial enfrentado no decorrer de uma pesquisa que se propõe estudar questões de gênero e de sexualidade é a dificuldade de encontrar e acessar pessoas que aceitem participar do estudo. Além do mais, mesmo quando uma pesquisa já conta com participantes selecionados, nem sempre eles/as se disponibilizam a fornecer informações sobre suas vivências e experiências, dada o grau de importância dessas questões nas suas vidas.

É verdade que a dificuldade de encontrar pessoas disponíveis para participar de pesquisas não é exclusiva das investigações de gênero e sexualidade. Inúmeros estudos, como o que foi realizado por Elizabeth Bott e sua equipe, resultando na obra “Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns” (BOTT, 1976), já evidenciaram essa questão. Todavia, nos parece que em função das características particulares das pesquisas de gênero e de sexualidade, esse desafio se torna ainda mais intenso.

Tendo em conta essas questões, o presente artigo tem por objetivo apresentar o percurso metodológico construído no desenvolvimento de uma pesquisa que está inserida nos estudos de gênero e de sexualidade. Trata-se da nossa Dissertação de Mestrado (SANTOS, 2018), realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEduc/UFPE). Essa Dissertação, de nossa autoria e orientada pela Professora Dra. Allene Lage¹, teve como título “(Des)Respeito à Diversidade Sexual e à Identidade de Gênero em Escolas de Caruaru-Pe: A questão da LGBTfobia e os enfrentamentos e/ou silenciamentos da Gestão Escolar”.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, nos deparamos com um conjunto de desafios, especialmente metodológicos. Esses desafios consistiam em construir uma pesquisa metodologicamente rigorosa, ao mesmo tempo coerente com nosso referencial teórico e com os próprios compromissos sociais que defendemos. É justamente esse percurso que discutiremos ao longo do trabalho em tela. Antes de evidenciar de que modo construímos a pesquisa, apresentaremos a seguir algumas reflexões a respeito dos percursos metodológicos das pesquisas educacionais no nosso país.

¹ Pós-Doutora em Direitos Humanos. Pós-Doutora em Educação. Doutora em Sociologia.

Metodologias das Pesquisas em Educação no Brasil

Tendo em vista a ampla produção de estudos no campo da educação no Brasil, não pretendemos aqui realizar uma extensa discussão sobre o assunto. Todavia, buscamos introduzir alguns elementos problematizados por pesquisadores/as do campo educacional que nos despertaram inquietações e que nos ofereceram pistas de que maneira delimitar as nossas estratégias metodológicas.

Uma das pesquisadoras que mais contribuíram para o nosso entendimento e conhecimento a respeito das questões que envolvem a pesquisa em educação foi Bernardete Angelina Gatti, sobretudo com a obra “A construção da Pesquisa em Educação no Brasil” (2007). Como o próprio título do livro já anuncia, Gatti oferece uma contribuição relevante para a pesquisa no campo educacional brasileiro, refletindo sobre o histórico dos estudos e pesquisas produzidos no nosso país. Mais que isso, a autora vai além de apenas apontar os elementos históricos e problematiza as principais implicações, métodos e construções da pesquisa em educação no Brasil:

A pesquisa educacional, tal como ela vem sendo realizada, compreende, assim, uma vasta diversidade de questões, de diferentes conotações, embora todas relacionadas complexamente ao desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Ela tem abrangido questões em perspectivas filosóficas, sociológicas, psicológicas, políticas, biológicas, administrativas, etc. Se pensamos apenas em um de seus aspectos – o da educação escolar –, ela se refere aí a problemas de legislação de currículo, de métodos e tecnologia de ensino, de formação de docentes, das relações professor-aluno, etc. Diz respeito a especialidades como a psicologia do escolar, a orientação educacional, a supervisão pedagógica, a administração escolar. Sem esgotar seus diferentes aspectos, já vemos que o campo da pesquisa em educação tem se apresentado de modo muito diversificado (GATTI, 2007, p. 13).

Conforme apontado por Gatti (2007), a pesquisa educacional abrange um leque diversificado de especificidades que passam por questões ligadas ao currículo, qualidade da educação, políticas públicas educacionais, administração e gestão e escolar, etc. Entretanto, ainda é possível identificar lacunas nesse campo de pesquisa. Uma dessas lacunas diz respeito ao ainda lugar secundário que os estudos sobre gênero e sexualidade ocupam nesse vasto campo de pesquisa. A tardia criação do Grupo de Trabalho 23 – Gênero, Sexualidade e Educação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), instituído somente em 2003, ilustra bem esse lugar secundário reservado às pesquisas de gênero e sexualidade na educação brasileira.

Podemos afirmar, a partir dos estudos de Gatti (2007), que com a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), as pesquisas em educação se tornaram mais sistemáticas e houve um estímulo substancial para realização de novos estudos. Ainda de acordo com Gatti (2007), a implementação progressiva dos programas de pós-graduação em educação *strictu sensu* no final da década de 1960 e a criação da ANPEd em 1978 são dois marcos importantes para as pesquisas em educação no Brasil. A partir da década de 1970, com a consolidação de alguns programas de pós-graduação na área educacional, houve uma ampliação dos temas de estudo, como também um aprimoramento metodológico das investigações nesse campo.

Embora tenha de fato ocorrido algum avanço em termos metodológicos na pesquisa educacional, é importante ponderar que na década de 1970 uma parte significativa das pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e humanas – incluindo as pesquisas educacionais – ainda se guiavam estritamente por normas e métodos quantitativos. Influenciada pelo pensamento positivista, a pesquisa em educação no Brasil também passou pela dicotomia da separação entre sujeito/objeto. Além disso, a concepção positivista de ciência acabou por enrijecer algumas pesquisas, transformando-as em atividades mecânicas, muitas vezes distantes das necessidades sociais.

Não estamos afirmando aqui que os métodos quantitativos não possuem relevância ou ainda que não se adequam as investigações no campo da Educação. Acreditamos que os métodos quantitativos podem sim ser empregados na pesquisa em educação, o que questionamos é uma certa pretensão de imparcialidade das pesquisas educacionais que tem utilizado o método quantitativo. Ainda na direção do que afirma Gatti (2004), entendemos que os resultados obtidos a partir de técnicas puramente quantitativas devem passar por análises que considerem as especificidades do campo educacional, composto por fenômenos humanos que não devem ser analisados estritamente por métodos e receitas matemáticas.

Do mesmo modo, Gatti (2007, p. 31), também apresenta alguns limites das pesquisas qualitativas, como “[...] a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizadas sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução do dado e de percepção crítica de vieses situacionais [...]”. O pouco domínio das/os pesquisadoras/es do campo educacional sobre os métodos, estratégias e técnicas metodológicas tem se configurado como um dos problemas centrais nesse campo.

Avançando na discussão sobre a pesquisa educacional no Brasil, Gatti (2007) argumenta que o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 foram marcados pelo retorno de pesquisadoras/es formados no exterior, trazendo novas contribuições para as pesquisas em educação no país. Esse período também é marcado pela ampliação das pesquisas, sobretudo teses e dissertações. No entanto, a expansão das pesquisas em educação revelou novos problemas em relação aos métodos dessas investigações.

Ainda hoje dificuldades e problemas metodológicos envolvem o campo das pesquisas na área educacional no Brasil. Menga Lüdke *et al.* (2009), na sua obra “O que conta como pesquisa?”, ao problematizarem quais elementos são necessários para que um trabalho acadêmico seja considerado uma pesquisa acabaram nos dando pistas de como construir uma pesquisa e ainda apontaram os principais equívocos cometidos por pesquisadores/as que se debruçam em desenvolver investigações no campo educacional. A partir dos seus estudos, Lüdke *et al.* (2009) afirmam que na pesquisa em Educação:

São sempre ressaltados os problemas que comprometem o desenvolvimento do estudo, desde a própria formulação do problema, passando pela proposição da amostra, dos instrumentos para a obtenção das informações, e, de modo especial, o desafio da construção dos dados, das análises efetuadas e das conclusões às quais chega o estudo. A palavra rigor continua muito evocada, assim como a preocupação com a coerência entre conclusões e problema, ou questões iniciais (LÜDKE *et al.*, 2009, p. 99).

A construção do problema de pesquisa tem sido uma das questões que mais comprometem as investigações, não só no campo educacional, mas em diversas áreas de pesquisa. Levando em consideração a recente tradição das pesquisas das ciências humanas e da educação, ainda temos dificuldades e dilemas teórico-metodológicos para desvendar (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2007).

Foi justamente no momento em que estávamos imersos nessas dificuldades e dilemas que tivemos acesso aos debates sobre a possibilidade de incorporar a bricolagem como uma alternativa metodológica para algumas pesquisas educacionais. O nosso primeiro encontro com a bricolagem se deu no componente curricular Teoria da Complexidade e Educação Popular do PPGEduc/UFPE². Foi preciso alguns meses de leituras, pausas, reflexões e retomadas para ter alguma compreensão da perspectiva metodológica proposta pela bricolagem. Na seção adiante faremos uma breve apresentação dessa proposta.

A Bricolagem como estratégia metodológica

De origem francesa, o termo *bricolage*, traduzido para português como bricolagem, pode ser compreendido como um trabalho improvisado produzido manualmente a partir do (re)aproveitamento de diferentes materiais (NEIRA e LIPPI, 2012). A apropriação desse termo foi realizada e desenvolvida teoricamente, pelo menos em alguma medida, por importantes estudiosos como o filósofo Jacques Derrida (1971), o antropólogo/filósofo Claude Lévi-Strauss (1976) e o historiador Michel de Certeau (1994).

No campo de estudos da Educação, Kincheloe (2006) realizou um importante debate da utilização da bricolagem na pesquisa educacional, a definindo como um modo de construir uma investigação científica a partir de diferentes visões de um mesmo fenômeno. Um ano depois, em um texto intitulado “Redefinindo e Interpretando o Objeto de Estudo”, Kincheloe (2007) alarga essa compreensão e afirma que a bricolagem é uma perspectiva de construção do conhecimento científico que incorpora diversos olhares da sociedade para análise e interpretação dos fenômenos sociais sem deixar de levar em consideração o conjunto de relações desiguais de poder presentes no cotidiano.

A primeira vista, pode parecer que a bricolagem não segue nenhuma estrutura e/ou que rejeita as tradicionais técnicas e estratégias metodológicas na construção do percurso de pesquisa. Todavia, não existe procedência para tal formulação. Conforme aponta Berry (2007, p. 123), o que a bricolagem faz é inverter a lógica de como são utilizadas as tradicionais técnicas de pesquisa, na medida em que sua estrutura “funciona voltada para dentro, lúcida, complexa e rigorosa”.

A bricolagem permite que as condições reais do campo de pesquisa deem forma aos métodos que serão utilizados (KINCHELOE, 2007). É justamente nesse sentido que a bricolagem se torna uma importante estratégia metodológica para as pesquisas de educação, gênero e sexualidade, tendo em

² Este componente curricular foi ministrado pelo Professor Dr. Everaldo Fernandes no curso de Mestrado em Educação Contemporânea do PPGEduc/UFPE no semestre 2016.1.

vista que ela “gera conhecimento usado para a ação social que transforma grandes narrativas e discursos” (BERRY, 2007, p. 126).

Outra grande e importante característica da bricolagem que a torna consideravelmente útil para as pesquisas de educação, gênero e sexualidade é que ela “reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto” (NEIRA e LIPPI, 2012, p. 610), questão fundamental nesse tipo de pesquisa que não busca pautar-se por uma perspectiva de neutralidade ou de desinteresse com a transformação das relações de opressão e conseqüentemente da emancipação dos grupos subalternos. Nessa direção:

Diferentemente da pesquisa positivista, na bricolagem a subjetividade e o posicionamento político não são descartados. Construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes exige saber qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências sociais influenciam os olhares sobre o fenômeno investigado. Ou seja, é preciso ouvir diversas explicações sobre o objeto para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos, aproximar-se e, talvez, chegar a múltiplas interpretações (NEIRA e LIPPI, 2012, p. 611).

Assim, a questão do rigor metodológico na bricolagem envolve necessariamente à possibilidade de consulta à uma diversidade de posições (KINCHELOE, 2007). Em qualquer que seja o fenômeno social estudado, com a bricolagem deve-se buscar ouvir múltiplas vozes, não tratando-as como meras fontes de informação, mas sim como discursos que constroem sentidos e interpretações sobre o fenômeno em questão que está sendo analisado. Cabe ao/à *bricoleur* (pesquisador/a que constrói suas investigações a partir da bricolagem), um olhar atento para envolver várias percepções na construção do seu estudo.

No entendimento de Berry (2007, p. 123), o principal desafio de um *bricoleur* é “como desenvolver a bricolagem sem cair de novo em estruturas positivistas”. Para isso, “o bricoleur pode recorrer a configurações pós estruturalistas” (BERRY, 2007, p. 126), as quais majoritariamente tem sido utilizadas nos referenciais teóricos das pesquisas de educação, gênero e sexualidade no Brasil. A Dissertação que construímos é um exemplo desse tipo de pesquisa que adota um referencial teórico pós-estruturalista. Na seção seguinte, apresentamos como fomos construindo-a utilizando a bricolagem como estratégia metodológica desde a formação do problema de pesquisa.

A Construção do Problema de Pesquisa

Alguns meses antes do início da seleção 2016, meados de 2015, para o curso de mestrado do PPGEduc/UFPE, fomos acionados por um jovem homem trans, estudante de uma escola da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco localizada no município de Caruaru. Esse estudante nos procurou para pedir ajuda diante da negativa de alguns/as professores/as da sua escola de respeitar o uso do seu nome social. O contato se deu em função da nossa presença, na época, no Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de Pernambuco (CEDPLGBT)³, na condição de Conselheiro Titular.

³ O CEDPLGBT é um órgão consultivo e deliberativo vinculado ao Governo de Pernambuco, composto por representantes do Poder Público Estadual e das organizações da Sociedade Civil que atuam no Campo do Movimento LGBT. Em 2014, tomamos posse como Conselheiro Titular para a primeira composição do Conselho, instituído pelo Decreto n°

As queixas desse estudante eram sobretudo contra a equipe gestora da sua escola. Segundo ele, não era incomum passar por situações que ele fosse vítima de violência simbólica e psicológica na sala de aula, tanto por parte de alguns/as estudantes, quanto por parte de alguns/as professores/as. Todas essas situações eram comunicadas a gestão escolar que nada ou pouco fazia para resolver o problema. A situação acabou levando o estudante a abandonar a escola.

Infelizmente essas situações não se constituem em casos isolados e esses relatos nos chegam com alguma periodicidade tendo em vista a nossa presença no Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT)⁴. A partir desse relato começamos a construir um pré-projeto de pesquisa que se interessava em discutir o papel da gestão escolar diante desses contextos de LGBTfobia na escola. Foi com esse pré-projeto que fomos aprovados na seleção de mestrado.

A LGBTfobia tem provocado inúmeras formas de preconceito, discriminação, injustiças, exclusão, desigualdades e violências (verbal, física, patrimonial, simbólica), que contribuem de maneira muito forte para a perpetuação da condição de subalternização do/a sujeito/a LGBT (FEITOSA, 2016; SANTOS, 2018). Algumas pesquisas e estudos realizados por organizações do terceiro setor, órgãos governamentais, acadêmicos/as e pelo Movimento LGBT já revelaram os altos índices de discriminação escolar envolvendo estudantes e professores, vítimas da violência sexista e LGBTfóbica, contribuindo para evasão, repetência e inúmeros impactos sobre a saúde mental desses/as sujeitos/as.

Uma desses levantamentos, foi realizado em 2006 na Parada da Diversidade de Pernambuco, realizada na capital do estado. Das várias questões evidenciadas nessa pesquisa, nos chamou atenção a resposta de 33,5% dos/as entrevistados/as que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência no ambiente da escola/faculdade (CARRARA *et al.*, 2007). Isso reflete o contexto de violação vivenciado cotidianamente pelos/as sujeitos/as LGBT no ambiente escolar/acadêmico em Pernambuco.

Sendo a escola a instituição social responsável pela educação dos/as sujeitos/as em formação, cabendo a ela a educação e a formação cidadã, esperava-se que a diversidade sexual e a identidade de gênero fossem reconhecidas como elementos da diversidade humana. Porém, nem sempre isso acontece. Para a população LGBT, a vivência no cotidiano escolar deixa inúmeras marcas de violência. Nas palavras de Louro (2000, p. 30) “A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual”, como também para pessoas travestis e transexuais.

Apesar das seguidas formas de violência contra a população LGBT nos espaços escolares, nota-se um silenciamento dessa questão por parte da gestão escolar, o que pode indicar certa cumplicidade

40.189/2013, posto que ocupamos no período de 2014-2017, representando a Articulação Brasileira de Gays (ARTGAY). Para mais informações sobre este Conselho ver SANTOS e SILVA (2015).

⁴ Em dezembro de 2017, tomamos posse no CNCD/LGBT representando a Articulação Brasileira de Jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ArtJovem LGBT). Atualmente ocupamos a Presidência da Câmara Técnica Permanente de Legislação e Normas desse órgão. Para saber quais as funções, possibilidades e limites do CNCD/LGBT, ver: Feitosa e Santos (2016).

com essa violência no âmbito das instituições. Nesse sentido, após alguns ajustes no pré-projeto, o então projeto de pesquisa de mestrado se motivou a tentar responder a seguinte pergunta: “Qual o lugar para as questões de diversidade sexual e de identidade de gênero na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino em Caruaru/Pernambuco?”.

Buscando compreensões a partir da pergunta apresentada acima, partimos de uma perspectiva teórica que dialogava, em grande medida, com autores/as dos estudos de gênero e de sexualidade que se filiam a uma abordagem pós-estruturalista. Já no início da pesquisa nos deparamos com o seguinte desafio: como construir uma metodologia que dialogasse com o nosso arcabouço teórico e que fosse suficiente adequada para oferecer algumas compreensões para nossa pergunta de pesquisa? A seguir, tentaremos evidenciar como se deu a nossa trajetória vivenciando esse desafio.

(Re)Construindo uma pesquisa em Educação, Gênero e Sexualidade

Tendo um problema de pesquisa formulado, partimos dos pressupostos metodológicos da bricolagem para construção dos objetivos da investigação. O objetivo geral da nossa Dissertação compreendeu “Investigar qual o lugar que as questões de diversidade sexual e de identidade gênero ocupam na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino em Caruaru/Pernambuco” (SANTOS, 2018, p. 26). Para atingi-lo, foram sendo formulados alguns objetivos específicos que nos ajudaram nesse percurso.

O objetivo específico I foi se modificando no processo de elaboração do projeto de pesquisa para o exame de qualificação. Inicialmente, julgamos ser importante a análise de alguns documentos educacionais que na nossa preconcepção orientavam a atuação da gestão escolar. Nessa nossa hipótese inicial, esses documentos seriam os Planos de Educação (Nacional, Estadual e Municipal). Todavia, a partir das ricas contribuições da banca examinadora⁵ do exame de qualificação passamos a entender que eram os/as gestores/as escolares que deveriam nos dizer quais documentos eram utilizados por eles/as para sua atuação nas escolas. Nesse sentido, o nosso primeiro objetivo específico foi formulado da seguinte forma: “identificar quais documentos orientam a atuação da gestão escolar em relação às questões de diversidade sexual e identidade de gênero” (SANTOS, 2018, p. 26).

Os objetivos específicos II e III foram construídos de modo que nos ajudassem diretamente a levantar compreensões do nosso problema de pesquisa. Assim, o objetivo específico II pretendeu “descrever as principais percepções dos/as gestores/as sobre diversidade sexual e identidade de gênero” e o objetivo específico III buscou “verificar a atuação da gestão escolar em relação a iniciativas e ações de promoção do respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero na escola” (SANTOS, 2018, p. 26).

⁵ Agradeço ao Professor Dr. Marcelo Miranda e ao Professor Dr. Benedito Medrado pelas valiosas contribuições feitas a nossa pesquisa no exame de qualificação. Do mesmo modo, também agradeço ao Professor Dr. Everaldo Fernandes que compôs a banca de defesa da nossa dissertação juntamente com os dois professores já citados e com a nossa orientadora Professora Dra. Allene Lage.

Tendo em vista que na bricolagem é fundamental a construção de análises dos fenômenos a partir de múltiplos olhares, o objetivo específico IV procurou “levantar, junto aos professores, que orientações são (ou não) repassadas pela gestão escolar sobre questões de diversidade sexual e identidade gênero, e de que maneira” (SANTOS, 2018, p. 26). Esse último objetivo específico se aproxima das reflexões de Kincheloe (2007), para quem a bricolagem considera as múltiplas vozes no processo de análise dos fenômenos sociais.

Tendo objetivos geral e específicos, passamos então a construir reflexões sobre as três categorias teóricas da nossa pesquisa, sendo elas: 1- Administração e Gestão Escolar; 2- Gênero e Sexualidade; 3- Diversidade Sexual e Identidade de Gênero na Educação. Essas reflexões se assentaram em autores/as situados numa perspectiva pós-estruturalista.

Assim, nas nossas discussões sobre a categoria Administração e Gestão Escolar nos distanciamos dos tradicionais autores das chamadas Escola Clássica⁶ e Escola Crítica⁷. A primeira Escola congrega, em grande medida, as primeiras reflexões teóricas da Administração Escolar no Brasil, sendo elas elaboradas a partir da Teoria Geral da Administração (TGA). Por sua vez, a segunda constrói suas discussões com base na Teoria Marxista para criticar a utilização da TGA, oriunda das empresas capitalistas, como assentamento de uma Teoria da Administração e Gestão Escolar.

Sem desprezar as contribuições da Escola Clássica e da Escola Crítica, nos baseamos nas reflexões sobre a categoria Gestão Escolar elaboradas por Heloísa Lück (2009). Segundo essa autora, a gestão escolar pode ser compreendida como o conjunto de pessoas que realizam uma série de atividades que gerem a dinâmica cultural da escola, em consonância com as políticas públicas e diretrizes educacionais, com vistas a implementação e efetivação do projeto político-pedagógico das escolas (LÜCK, 2009). Nessa direção, Lück afirma que o/a diretor/a escolar deve ser “orientado por princípios e diretrizes inclusivos, de equidade e respeito à diversidade, de modo que todos os alunos tenham sucesso escolar e se desenvolvam o mais plenamente possível” (LÜCK, 2009, p. 15).

A nossa segunda categoria, “Gênero e Sexualidade”, também buscou se aproximar das discussões teóricas pós estruturalistas a partir de autores/as como Foucault (1999), Butler (2003) Weeks (2000), Miskolci (2012), Bento (2014), entre outros/as, para debater conceitos como heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e LGBTfobia. Por fim, a terceira categoria teórica, Diversidade Sexual e Identidade de Gênero na Educação, deu prosseguimento aos debates travados na categoria anterior, problematizando-os no campo da educação, a partir de autores como Louro (2000; 2009; 2014), Ferrari (2011), Bento (2011), Miskolci (2012) e Torres (2013).

Finalizado esse conjunto de discussões teóricas, o desafio adiante era ir ao campo de pesquisa, selecionar quais escolas participariam do estudo, quem seriam os/as participantes da pesquisa, quais as técnicas de coletas de dados e como conectar isso com a perspectiva metodológica proposta pela

⁶ Os/as principais expoentes da Escola Clássica são: Ribeiro (1938), (1978); Leão (1945); Lourenço Filho (2007); e Alonso (1976).

⁷ Alguns/as dos/as principais autores/as da chamada Escola Crítica são: Arroyo (1979); Félix (1984); Paro (2012).

bricolagem. Nesse sentido, acabamos delimitando o estudo à duas escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco localizadas no município de Caruaru.

Levando em consideração as questões da ética na pesquisa acadêmica, optamos por não divulgar o nome das escolas com vistas a não expor os/as participantes do estudo e evitar que eles/as sofressem algum tipo de represália ou perseguição. Assim, as escolas passaram a ser identificadas como Escola A e Escola B. Em termos de caracterização geral, importa compreender que a Escola A oferece o Ensino Médio na modalidade regular, com três turnos separados: manhã, tarde e noite. Já a Escola B, oferece o Ensino Médio na modalidade integral, onde os/as estudantes têm dois turnos consecutivos de atividades escolares: manhã e tarde.

Depois de algumas idas ao campo de pesquisa, recebemos uma resposta positiva de seis pessoas que passaram a ser os/as participantes da pesquisa, sendo duas gestoras escolares, duas professoras e dois professores. Desse conjunto de participantes, três eram da Escola A e três eram da Escola B. De cada escola foi entrevistado/a uma gestora, uma professora e um professor.

Inicialmente, realizamos duas entrevistas, a primeira com a Gestora da Escola A e a segunda com a Gestora da Escola B. Nessas entrevistas, quando perguntamos as gestoras das escolas a respeito de quais documentos as mesmas baseavam sua atuação, ambas responderam que se guiavam pelo Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do Programa de Formação de Gestores Escolares de Pernambuco (PROGEPE).

A partir disso, já tínhamos dois materiais para análise. O primeiro material dizia respeito as próprias entrevistas que realizamos com as gestoras escolares. Por sua vez, o segundo material de análise consistia num conjunto de 24 cadernos de formação das duas edições do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar PROGEPE. Assim, começamos a entretecer nossas interpretações. De acordo com Kicheloe (2007), na bricolagem as interpretações são sempre entretecidas. Isso significa realizar interpretações coletivas, não só considerando a visão de múltiplos sujeitos, mas incorporando as interpretações desses sujeitos no conjunto da pesquisa.

Foi justamente nesse sentido que prosseguimos. Além de buscar saber quais os documentos eram utilizados pelas gestoras entrevistadas nas suas atividades profissionais nas escolas, também levantamos vários questionamentos nessas duas primeiras entrevistas. Perguntamos, por exemplo, se a gestão escolar já havia promovido atividades de combate à violências motivadas por intolerância a diversidade sexual e à identidade de gênero, como e quais eram as orientações repassadas pela gestão escolar aos/às professores sobre o que fazer diante de situações de violências dessa natureza nas salas de aula, também buscamos saber o que as gestoras compreendiam por diversidade sexual e identidade de gênero, entre outras questões.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas com as gestoras escolares se constituíram como um rico material e foi a partir dele que realizamos as demais entrevistas com as duas professoras e os dois professores. Não buscamos utilizar as entrevistas com esses/as professores/as como sendo um meio para confirmarmos as informações dadas pelas gestoras. O que fizemos foi construir com os/as professores/as algumas interpretações sobre o que nos foi repassado pelas gestoras, bem como coletar

informações e interpretações sobre questões que não havíamos colocados na entrevista com as gestoras, mas que surgiram na análise que fizemos dos 24 cadernos do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do PROGEPE.

Além das entrevistas e dos dados documentais extraídos dos cadernos do curso do PROGEPE, realizamos duas rodas de diálogo com dois grupos compostos por estudantes que reivindicavam para si a identidade de Lésbica, Gay, Bissexual e/ou Transgênero, sendo a primeira roda de diálogo na Escola A e a segunda roda de diálogo na Escola B. Essas duas rodas de diálogo tinham a finalidade de envolver esses/as estudantes na tessitura de interpretações do material obtido a partir das entrevistas e das fontes documentais.

Ambas rodas de diálogo contaram com uma participação média de 50 estudantes (sendo 25 estudantes na Escola A e 25 estudantes na Escola B) e foram realizadas no interior das escolas, em salas disponibilizadas pela gestão escolar. O desenvolvimento dessas rodas de diálogo se deu em duas etapas: na etapa 1 nós fizemos uma breve discussão sobre diversidade sexual, identidade de gênero e LGBTfobia na escola, na etapa 2 apresentamos algumas interpretações registradas no material oriundo dos cadernos do Curso do PROGEPE e das entrevistas com gestoras escolares, professoras e professores. A partir disso, os/as estudantes foram apresentando suas percepções e impressões que contribuíram substancialmente com nossas interpretações.

Optamos por incorporar nas nossas análises as percepções e impressões dos/as estudantes LGBT das escolas participantes da pesquisa levando em consideração que são esses/as estudantes os/as sujeitos/as mais expostos/as às possíveis manifestações de LGBTfobia na escola. Além disso, esses/as estudantes acabaram mostrando ter um bom conhecimento sobre um conjunto de questões relacionadas à diversidade sexual e identidade de gênero, muitas vezes mais informados/as do que as gestoras escolares e os/as professores/as. Compreendemos que não estaríamos construindo uma pesquisa a partir da bricolagem se não considerássemos as interpretações dos/as estudantes, tendo em vista que:

Em uma pesquisa baseada na bricolagem, considerar os pontos de vista de todos os envolvidos é questão de honra, pois, ajuda a desconstruir as hierarquias de dominação e de subordinação entre grupos sociais, além de contribuir para a criação de alternativas coletivas ao desigual e excludente sistema social vigente (NEIRA e LIPPI. 2012, p. 622).

Assim, os/as estudantes LGBT da Escola A e da Escola B nos auxiliaram nas análises e interpretações do conjunto de materiais coletados, atuando também enquanto participantes da Dissertação na condição de sujeitos que são impactados diariamente com as manifestações da LGBTfobia na escola e com as dificuldades da instituição escolar em compreender e respeitar suas diferenças.

Foi a partir desse entretencimento que envolveu gestoras, professoras, professores e estudantes de duas escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco situadas no município de Caruaru, além da análise dos 24 cadernos do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do PROGEPE, que foram construídas o conjunto de interpretações que resultaram na nossa dissertação.

A seguir, concluímos este artigo com uma breve apresentação do que resultou esse conjunto de olhares sobre o problema da pesquisa que nos propusemos a realizar.

Considerações

Ao iniciar a jornada da investigação que realizamos, tínhamos em mente o desejo de evidenciar novas compreensões sobre as questões de diversidade sexual e identidade de gênero na escola, além de olhar o problema da LGBTfobia a partir de outros lugares - considerando o papel da gestão escolar -, até então ainda não observados, com o desejo de contribuir para evidenciar outras possibilidades de superação das violações e violências ainda presentes no cotidiano das escolas públicas.

Nessa direção, após entrevistar as duas gestoras, iniciamos a análise do conjunto de Cadernos de Formação das duas edições do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do PROGEPE, realizadas respectivamente em 2012 e 2017. Para nossa surpresa, tais Cadernos não abordam em nenhum módulo, de forma explícita, contextualizada e suficiente, questões relacionadas à diversidade sexual e à identidade de gênero na escola.

Outro dado que encontramos é que os Cadernos do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar apontam, ao longo dos seus módulos, que a gestão escolar das escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco deve pautar-se em valores humanos e guiar-se por documentos, declarações, resoluções e legislações nacionais e internacionais que asseguram o respeito aos direitos humanos na escola. Esses cadernos também afirmam que a gestão escolar deve ser democrática, envolvendo toda a comunidade escolar em suas atividades.

Todavia, os Cadernos do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do PROGEPE apresentam uma grande lacuna sobre questões de diversidade sexual e identidade de gênero na escola, bem como não tratam do problema da LGBTfobia em nenhum momento. Ao mesmo tempo, esse material afirma que as escolas devem ser acolhedoras, inclusivas e respeitosas com às diferenças e que a gestão escolar deve observar o princípio da equidade para não reproduzir desigualdades existentes na sociedade.

Assim, a afirmação das gestoras entrevistadas de que os Cadernos do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Escolar do PROGEPE orientavam sua atuação frente às questões de diversidade sexual e identidade de gênero na escola, faz bastante sentido, principalmente considerando que não há nenhum outro curso de formação continuada oferecido pela Secretaria de Educação de Pernambuco que trate dessas questões de forma mais completa.

As considerações realizadas pelo conjunto de participantes da pesquisa também nos fizeram perceber que há nas escolas estudadas uma certa confusão entre orientação sexual e identidade de gênero. Para nós, essa confusão ocorre porque há uma expectativa de que o conjunto de identidades sexuais e de gênero seja homogêneo. Assim, ao deparar-se com as diferenças que permeiam a comunidade LGBT, gestores/as escolares não conseguem entender essa pluralidade, na medida em que não houve formação, oferecida pela Secretaria de Educação de Pernambuco, destinada a esse fim.

Por outro lado, a gestão escolar já reconhece, embora com algumas reservas, a presença de estudantes que se auto identificam como homossexuais, bissexuais e/ou transgêneros na escola. Isso ocorre por diversos fatores, com destaque para o protagonismo desses/as estudantes que têm, de algum modo, construído um processo de autoafirmação de suas identidades e de resistência contra toda e qualquer forma de intolerância à diversidade sexual e à identidade de gênero. Assim, outra compreensão que alcançamos na nossa pesquisa é que nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, coexistem manifestações de LGBTfobia psicológica e simbólica com práticas que desafiam as normas de gênero e sexualidade, subvertendo opressões e enfrentando violências.

Também acabamos chegando ao entendimento que as orientações repassadas pela gestão escolar aos/as professores/as sobre questões relacionadas à diversidade sexual e à identidade de gênero são, em grande medida, inadequadas e/ou insuficientes. Todavia, é importante ressaltar que nesse ponto há alguma diferença entre as experiências da Escola A e da Escola B, tendo em vista que a tessitura de interpretações realizadas por professoras e professores das duas escolas apresentou algumas assimetrias.

O conjunto de interpretações nos ajudaram a perceber que a gestão da Escola A que oferece ensino médio regular é mais ausente com essas questões se comparado com a gestão da Escola B que oferece ensino médio integral. Alguns elementos que podem ajudar a explicar essa diferença consistem no fato das duas escolas terem características bem distintas, com relação ao número de estudantes que cada uma possui, tendo a Escola A um número bem superior de estudantes do que a Escola B e isso tem uma implicação direta no volume de trabalho da gestão escolar. Além disso, as escolas que oferecem o ensino médio integral, como é o caso da Escola B, dispõem de uma estrutura física e organizacional superior do que aquelas escolas que só oferecem o ensino médio regular, como é o caso da Escola A.

Levando em consideração todo entretencimento construído, bem como essas e outras interpretações que discutimos de forma bem mais detalhada na própria Dissertação, compreendemos que as questões de diversidade sexual e de identidade gênero podem ocupar um lugar de desconhecimento, tensionamento, instabilidade e silenciamento na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino. Todavia, ao longo da realização da pesquisa também foi possível perceber que as questões de diversidade sexual e de identidade gênero também podem ocupar um lugar de respeito, atenção, compromisso e importância na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino.

Esse lugar que as questões de diversidade sexual e de identidade de gênero ocupa na agenda de gestores/as escolares está permanentemente em contingência, podendo se transmutar de um polo ao outro através de fatores como a própria compreensão dos/as gestores/as, o perfil dos/as professores/as e estudantes da escola, as legislações e políticas educacionais, a pressão de grupos sociais conservadores ou mesmo a pressão realizada pelo Movimento LGBT.

Como já apontamos na Dissertação, reafirmamos aqui que o entretencimento de interpretações que foi sendo realizado não se coloca como uma verdade absoluta sobre a totalidade dos fenômenos que envolvem as questões estudadas nas duas escolas. Ao contrário, o que fizemos, a partir da

bricolagem, nada mais foi do que mobilizar um conjunto de interpretações de sujeitos que no nosso entendimento poderiam nos ajudar a apresentar uma possibilidade de compreensão do nosso problema de pesquisa. E foi justamente a isso que chegamos, uma compreensão, tendo total consciência que podem existir muitas outras compreensões sobre essa mesma agenda de pesquisa.

Nesse sentido, acreditamos que a bricolagem pode ser um caminho muito interessante para os/as pesquisadores/as de gênero e sexualidade nas ciências sociais e humanas, sobretudo para as pesquisas que partem de um referencial teórico pós-estruturalista. Por fim, ressaltamos que não apresentamos nesse artigo um modelo de como utilizar bricolagem enquanto estratégia metodológica, tendo em vista que a própria proposta da bricolagem é contrária a construção de receitas e modelos rígidos.

Referências

- ALONSO, Myrtes. *O papel do diretor na administração escolar*. São Paulo: Difel/EDUC, 1976.
- ARROYO, Miguel González. *Administração da educação, poder e participação*. Educação e Sociedade. Ano I, n. 2, jan./1979. Campinas: CEDES, 1979.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo II: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987
- BERRY, Kathleen S. Estruturas da Bricolagem e da Complexidade. KINCHELOE, Joe L. e BERRY, Kathleen S. *Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, p. 123-148, 2007.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- _____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2) maio-agosto/2011. P. 548-559.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, Sérgio; SILVIA, Ramos; LACERDA, Paula; MEDRADO, Benedito; VIEIRA, Nara. *Política, direitos, violência e homossexualidade*. Pesquisa 5ª Parada da Diversidade – Pernambuco 2006. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.
- DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. P. 229-249.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FEITOSA, Cleyton. As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 5, p. 300-320, 2016.
- FEITOSA, Cleyton; SANTOS, Êmerson Silva. Participação Social da População LGBT: o Conselho Nacional de Combate à Discriminação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. *Revista Perspectivas em Políticas Públicas*, v. 9, n. 2, p. 175-205, 2016.

- FÉLIX, Maria de Fátima Costa. *Administração escolar: um problema educativo ou empresarial?* São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1984.
- FERRARI, Anderson. Silêncio e silenciamento: em torno das homossexualidades masculinas. FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco. In: *Silêncios e Educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. v. 1: A vontade de saber. Tradução de: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.
- GATTI, Bernardete Angelina. Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 1, p. 11-30, 2004.
- KINCHELOE, Joe L. Para além do Reduccionismo: diferença, criticalidade e multilogicidade na bricolage e no pós-formalismo. In: PARASKEVA, João (Org.). *Currículo e Multiculturalismo*. Tradução de Helena Raposo e Manuel Alberto Vieira. Mangualde. Portugal: Edições Pedagogo, 2006. p. 63-93.
- KINCHELOE, Joe L. Redefinindo e Interpretando o Objeto de Estudo. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathlenn S. *Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 101-122.
- LEÃO, Antonio Carneiro. *Introdução à administração escolar*. São Paulo: Nacional, 1945.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacional, 1976.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Organização e administração escolar*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. Heteronormatividade e Homofobia. JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LÜCK, Heloísa. *Dimensões de gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- _____. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LÜDKE, Menga (coor.); OLIVEIRA, Ana Tereza de Carvalho Correa et al. *O Que conta como pesquisa?* São Paulo: Cortez, 2009.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, v. 37, n. 2, 2012.

PARO, Vitor Henrique. *Administração Escolar: introdução crítica*. 16ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, José Querino. *Fayolismo na administração das escolas públicas*. São Paulo: Linotechnology, 1938.

_____. *Ensaio de uma teoria da administração escolar*. São Paulo: Saraiva, 1978.

SANTOS, Êmerson Silva. *(Des)respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero em escolas de Caruaru-PE: a questão da LGBTfobia e os enfrentamentos e/ou silenciamentos da gestão escolar*. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

SANTOS, Êmerson Silva; SILVA, Filipe Antonio Ferreira da. Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de Pernambuco: Oportunidades e Desafios. In: Congresso de Serviço Social da Faculdade Asces: o social em tempos de crise, 1, 2015, Caruaru/PE. *Anais...*, 2015. v. 1. p. 200-202.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Sílvia Sánchez. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1990.

TORRES, Marco Antonio. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

Êmerson Silva Santos é Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Mestre em Educação Contemporânea pelo Programa de Pós Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEduc/UFPE). Email: emersonssantos1@gmail.com.